

REVISTA HISTORAR

Valéria Aparecida Alves

Doutora em História Social – PUC/SP. Professora
Adjunta do curso de História da Universidade
Estadual do Ceará – UECE.

“MEU CARO AMIGO”: a produção cultural na década de
70 na correspondência de Torquato Neto e Hélio Oiticica.

Resumo

O artigo apresenta a discussão sobre a produção cultural no Brasil durante a década de 1970, a partir da análise das correspondências trocadas entre Torquato Neto e Hélio Oiticica. Busca-se refletir sobre o período de vigência do autoritarismo no Brasil e as diversas formas de resistência.

Palavras-Chave: Ditadura Militar, Torquato Neto, Hélio Oiticica, Produção Cultural.

Abstract

The article presents a discussion on cultural production in Brazil during the 1970s, from the analysis of the correspondence exchanged between Torquato Neto and Hélio Oiticica. Seeks to reflect on the duration of authoritarianism in Brazil and various forms of resistance.

Keywords: Military dictatorship, Torquato Neto, Hélio Oiticica, Cultural Production.

Meu caro amigo me perdoe, por favor
Se eu não lhe faço uma visita
Mas como agora apareceu um portador
Mando notícias [...]

Meu caro amigo
Francis Hime & Chico Buarque

Introdução

Neste artigo analiso as correspondências trocadas por Torquato Neto e Hélio Oiticica no período de 1971 e 1972. Através das cartas, com foco na discussão sobre a produção cultural brasileira, encontra-se além da troca de confidências, o esboço dos projetos desenvolvidos por ambos e a reflexão sobre o panorama cultural, com as dificuldades impostas pela ampliação das medidas repressivas adotadas no período de autoritarismo.

Entendidas como *escritos autobiográficos*, “as cartas revelam um grande campo de possibilidades para o historiador, pois resultam de atividades solitárias de introspecção, da *escrita de si*, na primeira pessoa, na qual o indivíduo assume uma posição reflexiva em relação à sua história e ao mundo onde se movimenta”¹, constituindo, dessa forma, fonte privilegiada para acessar as representações dos sujeitos pesquisados.

Como as demais fontes, as cartas exigem do historiador “cuidados metodológicos”, porém carregam especificidades a serem consideradas, pois, “ao contarem realidades interiores, reproduzem experiências individuais nas quais fantasias e “realidades” se mesclam num jogo de ocultar/ revelar apresentado como um compromisso com a verdade”.²

A produção cultural da década de 70 em debate

Em clima de tensões políticas, acentuadas pela edição do AI-5: prisões, censura e tortura, Torquato Neto se afastou num autoexílio. Em 3 dezembro de 1968, embarcou com Hélio Oiticica para Londres – que faria uma exposição retrospectiva de sua obra na galeria *Whitechapel* - e foi a bordo do navio que recebeu a notícia da edição do AI-5:

[...] Hélio demonstrou ser possuidor de um verdadeiro sismógrafo de gafanhoto,

¹ MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (org.) *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009, p.195.

² GAY, Peter *apud* MALATIAN, Teresa. *Ibidem*, p. 206.

pois como todo mundo sabe o gafanhoto é capaz de prever terremotos e o sismógrafo HO embarcou no cais do porto da praça Mauá – carregando Torquato Neto a tiracolo – com destino a Inglaterra dias antes da promulgação do famigerado AI-5, golpe dentro do golpe militar, que endurecia ainda mais a ditadura estabelecia uma perseguição desabrida aqui no Brasil.³

No exterior, Torquato Neto, manteve-se atento à situação política vivida no Brasil e revelava sua preocupação com o destino de sua esposa - Ana Duarte. Temia por sua prisão, o que já havia ocorrido com alguns de seus companheiros – Caetano Veloso, Gilberto Gil e Rogério Duarte - e planejava sua transferência para Londres. Em correspondência enviada ao cunhado Hélio Silva, relatou:

[...] está tudo uma confusão dos infernos: remeti ontem uma passagem para Ana embarcar assim que possível para Londres, mas hoje fui informado pela companhia que todas as estações de telex e correio e telefone internacional entraram em greve na Inglaterra até, no mínimo, dia 28. ou seja: possivelmente essa ordem não chegará por aí antes disso, o que vai me atrasar bastante todos os planos. [...] caetano e gil estão realmente em cana, soube que cortaram o cabelo de Caetano e a barba de Gil. informação segura: guilherme está em paris e me contou pelo telefone. Estão presos há pouco mais de um mês e não se sabe quando serão postos a passear novamente. é incrível, o Brasil está cada vez mais ridículo, como te falei na outra carta, vou ficar por aqui, no mínimo, até o fim do ano. é imbecialidade pura voltar por aí antes disso e eu não sou otário.[...] ⁴

Ana Duarte chegou em Londres em fevereiro de 1969, quando alugaram um apartamento e fixaram-se em Londres. Ambos auxiliaram Oiticica na montagem da exposição e durante sua permanência na cidade puderam se aproximar de artistas e intelectuais que agitavam a cena cultural inglesa. Torquato Neto mostrava-se bastante atento, principalmente sobre a produção de cinema, que acompanhava com interesse. Em carta, destinada ao cunhado – Hélio – qualificava o filme *Teorema* de Pier Paolo Pasolini:

[...] realmente, meu filho, fiquei viciado em “teorema”. não li os críticos de paris, nem os de londres e muito menos os bestas do jornal do Brasil, mas garanto que tá todo mundo por fora. não é filme pra crítico, sabe? e o tal “conteúdo místico” é só um detalhe pra gente pensar, dentro de uma tese muito mais ao meu gosto, linda, sobre a moral burguesa, aquela estória que eu vivo falando, sabe? envenena a moral dessa turma que o negócio apodrece. talvez eu esteja apenas puxando demais a farofa pro meu capão, mas isso é o que eu acho maravilhoso em “teorema” e em pasolini. você verá (se não cortarem demais) e dirá se estou dizendo imbecilidades. de qualquer maneira, continuarei achando o filme fantástico, inteligentíssimo e inteiramente por dentro. [...] ⁵

³ SALOMÃO, Waly. *Hélio Oiticica. Qual é o parangolé? e outros escritos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003, p.84.

⁴ TORQUATO NETO. Londres. 22 jan. 1969 *apud* VAZ, Toninho. *Pra Mim Chega*. A biografia de Torquato Neto. São Paulo: Casa Amarela, 2005, p. 127.

⁵ *Idem*, Paris, 2 de maio de 1969 *apud* VAZ, Toninho. *Op. Cit.*, p. 127.

Em maio de 1969, Torquato mudou-se para Paris, instalando-se inicialmente no hotel Excelsior e depois no hotel Stella, próximo à Sorbonne. Mesmo, vivendo em dificuldades financeiras, registradas nas cartas e diários, aproveitava os eventos culturais, principalmente cinema, acompanhando, inclusive a produção brasileira. Em, mais uma carta para o cunhado Hélio, comentou:

[...] estou irritadíssimo. Imagine que ontem à noite me entusiasmei um pouco além da conta e fui assistir “vida provisória”, aquele filme nojentíssimo do maurício gomes leite. puta que pariu! ainda não me recuperei da porrada, não entendo mais nada, acho que não sei mais de coisa alguma, nunca vi nada igual. ainda bem que o filme do glauber passa na semana que vem. [...] ⁶

Na mesma carta, comentava sobre a cena musical brasileira, que de acordo com Torquato retrocedia no processo criativo em razão da ausência de muitos artistas, em virtude do clima de violência e repressão que o país vivia. Consciente do clima de censura ampliada no Brasil, deixou recado para um possível censor:

[...] eu juro por deus como aquela história da volta da canção romântica, reedição compacta de velhos ídolos e canções eu já sabia que aconteceria. [...] e te digo mais: esperanças de que os próximos festivais clareiem as coisas é bobagem. não vai clarear nada, mesmo que os grandes medalhões que estão fora voltem para concorrer. só quem podia continuar clareando um pouco éramos nós: edu, chico, marcos valle etc., você sabe, não iriam mais clarear porra nenhuma. Depois, eu conheço os compositores que ficaram aí. Você verá, nos próximos festivais, enxurradas de canções ou iê-iê-iês românticos e mos os que andaram macaqueando a tropicália recentemente já não terá, coragem de continuar. Vai ser chatíssimo. ângela maria (que eu adoro) voltará em grande estilo e sílvio caldas (enjoadíssimo) defenderá a canção vencedora. qualquer coisa assim. essa história de censura censurando cartas é o fim da picada. por favor, senhor censor, pare aqui, tenha vergonha, a carta não é para o senhor, vá tomar na bunda. [...] ⁷

Apesar da agitação cultural que enriquecia os projetos de Torquato Neto, as dificuldades financeiras agravavam-se e o desejo de retornar ao Brasil acentuava-se. Porém, sentia-se inseguro com a situação política, que mesmo distante, acompanhava atentamente. Em junho de 1969, comentava em carta para o cunhado correspondente, a situação enfrentada por ele, mas, também, por diversos exilados naquele momento:

[...] minha situação vai ficando embaraçosa e eu já não sei mais o que pensar. Gostaria de voltar ao Brasil apenas depois que Caetano e Gil fossem liberados e pudessem me contar exatamente o que esses caras sabem e querem. Mas ao mesmo tempo começo a me chatear, não sou daqui, não quero viver aqui e gostaria muito

⁶ *Idem*, Paris, 31 de maio de 1969 *apud* VAZ, Toninho. *Op. Cit.*, p. 140.

⁷ *Idem*, *ididem*.

de voltar pra casa no fim do ano. e tenho medo, não sei precisamente de que, tenho a impressão de que não seria preso, mas tenho e sustento o palpite de que eles me guardariam o passaporte e eu não conseguiria sair do Brasil tão cedo.⁸

A situação política no Brasil, marcada pela repressão e violência, tornava-se cada vez mais difícil para aqueles que se opunham ao governo militar. Após a situação implantada pelo governo Costa e Silva, com a edição do AI-5 em 13 de dezembro de 1968, que impedia qualquer manifestação de oposição, uma parcela optou pelo enfrentamento direto na tentativa de derrubar o governo, através da luta armada.

Em agosto de 1969, após um ataque cardíaco, o general Costa e Silva foi afastado da presidência e a Junta Militar impediu a posse do vice Pedro Aleixo. A sucessão presidencial foi feita com a escolha do General Emílio Garrastazu Médici.

O governo Médici adotou uma série de medidas para desarticular as manifestações de oposição, como a ampliação da violência e, ao mesmo tempo, utilizou a propaganda ufanista e o “milagre econômico” para obter apoio popular e, principalmente, da classe média:

[...] As forças de repressão dizimaram as fileiras das organizações clandestinas pelo uso generalizado da tortura, para obter informações que pudessem levar à prisão de outros e ao desmantelamento das redes de apoio dos grupos de guerrilha. Os grupos clandestinos reagiram, seqüestrando mais três diplomatas para conseguir a libertação de militantes importantes. [...] A campanha de repressão consistia não só na institucionalização da tortura, como na técnica de interrogatório e controle político, no desenvolvimento de programas de pacificação e blitz, e na implantação de uma vasta rede policial para levar a cabo, os programas do Aparato Repressivo.⁹

Contudo, apesar dos receios sobre seu retorno ao Brasil, Torquato Neto preparou sua volta, após uma viagem para Espanha e Portugal. Em dezembro de 1969, embarcou para o Brasil, com sua esposa grávida de seis meses.

No retorno ao Brasil, Torquato Neto evidenciava mudanças. Já na aparência revelava a transformação que sofrera no período de autoexílio – adotara o estilo *hippie* – cabelos compridos (no estilo *Black Power*) e barbas longas. No Brasil o cenário político e cultural também havia mudado. O período era de acirramento do clima de repressão e, conseqüentemente, de

⁸ *Idem*, Paris, 3 de junho de 1969 *apud* VAZ, Toninho. *Op. Cit.*, p. 141.

⁹ *Idem*, *ibidem*, p. 193.

“esvaziamento” dos movimentos sociais de oposição. Mas, ao mesmo tempo, novos projetos eram desenvolvidos. Começava no Brasil, a expansão da “contracultura” ou cultura marginal, movimento do qual Torquato se aproximou e no qual encontrou artistas e intelectuais com quem travou intenso diálogo:

[...] No Brasil, a contracultura foi um movimento social que procurou romper com a modernização da sociedade brasileira posta em prática de forma autoritária pela ditadura militar, estabelecida no país com o golpe de 1964. [...] No período de 1969 a 1974, apenas a luta armada – além da contracultura – procurava combater a sociedade vigente. Mas, ao contrário da luta armada, que priorizava o combate ao aparato repressivo do Estado, a contracultura dirigia-se para o que, de acordo com a sua visão de mundo, seria o fundamento do autoritarismo: a racionalização da vida social. O questionamento contracultural da racionalidade incidia nas mais diferentes dimensões da vida cotidiana. [...] suas principais características: a ênfase na subjetividade em oposição ao caráter objetivo / racional do mundo exterior, a aproximação com a “loucura” e a marginalidade, a construção de comunidades alternativas.¹⁰

Os “anos rebeldes”, que marcaram a década de 1960, haviam passado e no Brasil e no mundo, as diversas reivindicações da juventude não foram atendidas. Ao invés de liberdade, viu-se a ampliação do autoritarismo e o uso intensivo da repressão e censura desmobilizava os manifestantes. O período das passeatas, comícios e greves estudantis terminara. Porém, a juventude, principalmente da classe média, encontrava uma nova forma de contestação social, criticavam através do comportamento, das atitudes e novas manifestações culturais o *status quo*. Rejeitavam os valores estabelecidos e buscavam construir uma alternativa para o desenvolvimento de seus projetos e ações face a realidade autoritária vigente.

O movimento de contracultura foi caracterizado por alguns autores como “alienação” ou “desbunde”. Movimento de jovens que rejeitavam a política, a racionalidade, o debate e a mobilização e optaram pelo misticismo, irracionalismo e consumo de drogas, como “válvula de escape” para suportar o período de autoritarismo. Tal atitude, de acordo com alguns autores, resultou num período de conformismo e de passividade. Sobre a produção cultural neste momento, destaque para a seguinte análise:

[...] Cultura de depressão com variações no irracionalismo, no misticismo, no escapismo, e sob o signo da ameaça, eis os traços essenciais que acompanham alguns setores da produção cultural brasileira a partir de 1969. Suas características apresentam espantosa convergência ideológica: enterra-se arbitrariamente a noção de mimese com base numa concepção reificada da linguagem, declara-se espúria ou careta a esfera do político e, através de um argumento equivocados do perigo da recuperação via indústria cultural ou pelo *establishment*, faz-se a profissão de fé do

¹⁰ COELHO, Cláudio Novaes Pinto. *A Contracultura: o outro lado da modernização autoritária*. In: RISÉRIO, Antônio et al. *Anos 70: trajetórias*. São Paulo: Iluminuras / Itaú Cultural, 2005, p.39.

silêncio teórico, isto é, a recusa apologética do discurso conceptualizado sobre a produção artística, sobretudo a musical. Isto tudo mesclado a um culto moderno do *nonsense*, a um repúdio à pontilhação racional do discurso. [...] ¹¹

Apesar do inegável aumento no consumo de drogas por parte de muitos jovens na década de 70, da ampliação das discussões “místicas”, muitas vezes ligadas aos efeitos das drogas, o novo comportamento e posicionamento dos jovens que resultaram no movimento de contracultura não pode ser considerado “alienado” e muito menos homogêneo. Creio que a análise que desqualifica o movimento de contracultura é feita a partir da supervalorização das ações da juventude na década de 1960, considerada mais politizada e engajada, servindo, assim como referência, um modelo.

Os movimentos de contracultura não podem ser definidos como “esvaziados” politicamente. As ações, os comportamentos, os posicionamentos e as expressões artísticas eram politizadas, porém, as estratégias de resistência, de oposição ao autoritarismo são distintas da década anterior, mas não menos importante ou compromissada. Na década de 1970, após a derrota das reivindicações feitas nos “anos rebeldes” e a ampliação do autoritarismo, a postura assumida por muitos jovens pode ser considerada anárquica. A organização de comícios, passeatas, greves e outras manifestações coletivas foram rejeitadas, a ação era mais individual do que coletiva, sem dúvida, mas não significa que por isso fosse conformista ou passiva, pelo contrário, o conformismo e a passividade eram rejeitados e combatidos pelos movimentos de contracultura, através das atitudes, das manifestações – principalmente artísticas – o protesto, as reivindicações, o debate, a reflexão, a resistência ao autoritarismo e o combate dos preconceitos foram evidenciados, a partir da reinvenção da ação política, ampliada e transformada. Na década de 1970 muitos jovens perceberam que a política está contida em todas as dimensões da vida em sociedade e não apenas nas formas institucionalizadas. A ação política estava no cotidiano e através dos comportamentos mais corriqueiros, muitos jovens continuavam a reivindicar a liberdade, demonstrando que a oposição, ainda, era possível, necessária e viável. ¹²

Inconformado com o cenário político e cultural do país nos anos 70, Torquato Neto se aproximou, desenvolveu parcerias e projetos com Hélio Oiticica – o principal interlocutor, que mesmo morando em Nova York até 1978 manteve o diálogo frequente através de correspondências – Ivan Cardoso, Júlio Bressane, Rogério Sganzerla, Luciano Figueiredo, Oscar Ramos, Péricles

¹¹ VASCONCELOS, Gilberto. *Música Popular: de olho na fresta*. São Paulo: Graal, 1977, p. 66-67.

¹² Para uma análise aprofundada da contracultura no Brasil, conferir o estudo de COELHO, Frederico. *Eu, brasileiro, confesso minha culpa e meu pecado: cultura marginal no Brasil das décadas de 1960 e 1970*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

Cavalcanti, Rogério Duarte, Cildo Meireles, Neville Duarte de Almeida, Waly Salomão, Carlos Vergara, Reynaldo Jardim, José Simão, Duda Machado, Jorge Mautner, Jards Macalé, Zé Português, Carlos Pinto, Lygia Clark e Lygia Pape. Eram artistas plásticos, fotógrafos, cineastas, compositores, músicos, poetas, artistas gráficos, escritores e jornalistas, que compartilhavam o discurso contestador e a postura anárquica, buscavam e recriavam os espaços para a divulgação de suas produções e, através da pesquisa e experimentalismo propunham uma nova estética, contrária ao *status quo* cultural vigente, todos alinhados ao movimento da contracultura.

Após o período de autoexílio (1968-70), Torquato Neto manteve contato permanente, através de correspondência, com Hélio Oiticica que estava em Nova York. As cartas foram organizadas e publicadas pelo jornalista Paulo Roberto Pires, que explicou:

[...] todas foram escritas entre 1971 e 1972 e refletem com perfeição uma época particularmente crítica para Torquato e, também, para o Brasil. [...] A recuperação desse diálogo se deve, acima de tudo, à verdadeira obsessão arquivística de Hélio Oiticica, que documentava minuciosamente tanto seus projetos quanto a correspondência – ele sempre arquivava cópias das cartas que enviava junto com a resposta do destinatário. No extremo oposto, Torquato chegou a queimar boa parte de seus papéis antes do suicídio. Por isso, das 18 cartas que se seguem, 12 são assinadas por Torquato e fazem parte do acervo do Projeto HO, instalado no centro de Artes Hélio Oiticica, no Rio de Janeiro.¹³

As cartas escritas por Torquato Neto, com textos extensos – páginas e páginas numa única correspondência, revelam a ansiedade de comunicar de uma só vez o máximo possível dos acontecimentos, projetos e situação vivida. No texto o foco era a produção cultural e traduzem o contexto político e cultural vivido no Rio de Janeiro no início da década de 1970. A vida familiar está quase ausente, aparecendo apenas em “notas”. Documento importante para a análise na pesquisa, pois, ajuda-nos a compreender, também, seus projetos, suas ideias e suas angústias. Através das cartas Torquato expôs em detalhes suas dúvidas, pensamentos e dilemas.

As correspondências devem ser entendidas dentro do contexto político – momento pós-AI – 5, com a ampliação da censura, prisões, exílio e autoexílio daqueles que se opunham à ditadura militar. Nos textos há referências sobre diversas figuras do cenário cultural brasileiro que estavam no exterior – alguns por vontade própria outros obrigados, como Caetano Veloso e Gilberto Gil exilados em Londres.

De Nova York, Hélio Oiticica, informava sobre os acontecimentos internacionais – música,

¹³ *Idem, ibidem*, p. 209.

artes plásticas e, principalmente, cinema, além de opinar sobre a produção nacional. Mandava notícias sobre a presença de brasileiros que se hospedavam em seu apartamento, que tornou-se ponto de encontro e de um grupo bastante atuante no cenário cultural e colaborava diretamente com os projetos de Torquato Neto, através do envio de revistas, artigos, entrevistas e cartazes de filmes para serem utilizados em sua coluna, além de opinar sobre os projetos e servir de conselheiro e confidente:

[...] Torquato, meu amor; adorei, nada me deu mais alegria que sua carta com as publicações e tudo; isto aqui ainda não é uma resposta à carta; apenas um bilhete rápido; tudo parece estar mais ou menos com meses de atraso aqui; não consigo nem dormir tal o excitamento; quilos de coisas para ler-fazer etc.; babilônia, você sabe.

Esta carta segue separado de média que vou lhe enviar; coisa sobre cinema, *Village Voices* (cujos artigos caretas, mas quase sempre ótimos; é só procurar; tem Jonas Mekas em cinema; cartazes do dia etc., o que evita explicações minhas, que nunca seriam suficientes para cobrir tudo); vou comprar daqui a pouco e ver o que serve; em geral *Village Voices* tenho sempre dois e já coloquei no pacote o da semana passada. [...] ¹⁴

O diálogo mantido com Hélio Oiticica era importante para Torquato Neto manter-se atualizado sobre o que ocorria “do lado de fora” – subtítulo utilizado em sua coluna no jornal *Última Hora* para divulgar a produção cultural internacional -, mas, principalmente, para discutir os acontecimentos da cena cultural brasileira. Através da análise das correspondências, percebe-se o afeto e a cumplicidade entre ambos. Os textos fornecem “pistas” que ajudam a revelar o pensamento de cada um e a postura de vanguarda que assumiam, explicitados através dos comentários sobre a produção e as personagens artísticas e intelectuais do início dos anos 70:

[...] Adorei seu texto sobre Glauber; você é mesmo demais, para pegar tudo de dentro assim; sei disso porque conversei muito com Glauber e é tudo o que você escreveu; aliás você leu as dicas que Glauber anda dando no Pasquim? Meu filho, nunca vi tanta bobagem na minha vida e mau caráter; adoro Glauber mesmo assim, mas estou curioso em saber que merda é essa e quem são a vanguarda direitista de que fala! É louco; não conheço nem sei o que diz. ¹⁵

No ano de 1971, enquanto Hélio Oiticica mostrava-se eufórico com a agitação vivida em Nova York, os contatos estabelecidos e nos novos projetos em andamento, Torquato revelava as dificuldades enfrentadas no retorno ao Rio de Janeiro, para conseguir trabalho e dinheiro:

¹⁴ OITICICA, Hélio. Nova York, 18 de junho de 1971 *apud* PIRES, Paulo Roberto (Org.) Torquatália: obra reunida de Torquato Neto. Rio de Janeiro, Rocco, 2004, v.2, p. 216.

¹⁵ *Idem*, *idem*, p. 217.

[...] Hélio, querido,
 Salve. Já faz tempo que eu precisava te escrever – pelo menos desde que recebi o teu cartão. Mas naquela época eu estava no Piauí esfriando a minha cabecinha, balançando numa rede e botando o pensamento em ordem. Depois que cheguei no Rio (em início de abril), tive de sair por aí feito um maluco atrás de alguma coisa pra fazer, e logo em seguida tive de fazer essas coisas: produção de discos de novela pra Globo, música pra novela, músicas pra vender e garantir qualquer dinheiro – enfim, um negócio chato e cansativíssimo que eu tinha de fazer, fosse como fosse, pra começar a criar condições que eu agora preciso ter à disposição: um dia depois do outro cheguei ao tal Plug, sobre o qual te falo mais adiante.¹⁶

Na mesma carta, Torquato revelava suas angústias, demonstrando como o estado depressivo acentuava-se, o que o obrigou a retornar à Teresina e submeter-se a mais uma internação:

[...] Essa minha ida ao Piauí foi muito importante pra que eu reiniciasse quase tudo depois do verdadeiro inferno que foram esses dois últimos anos, um na Europa e outro neste gueto horrível do Brasil. Era tudo incrível. O menor barulho soava como todas as trombetas do após calypso (*siv*) e teve uma hora em que eu quase me vi perdido. Era tudo ou onda, desbunde, chateação. Na véspera da tua viagem eu estava louquíssimo curtindo uma viagem inacreditável que ninguém sabia – e quando saí da tua casa eu estava realmente louco de ódio, eu pensava: vai o Hélio embora e eu quase não estive com ele esse tempo todo, o que é um verdadeiro absurdo. Tudo foi ficando tão insuportável que até as pessoas (pouquíssimas) a quem amo no duro entraram no bolo. Você via. Não ter podido acabar o filme do orgamurbana e, depois não ter conseguido obrigar Naná a fazer o disco que eu havia planejado pra ele (e que seria fantástico se ele tivesse juntado coragem para fazê-lo) acabaram de encher o saco. Tomei um vasto pileque de despedida e encerrei o papo de beber; fui ao Piauí sem Ana nem Thiago, balancei na rede, balancei e depois achei que estava legal. Voltei para o Rio e uma das primeiras pessoas que procurei foi Waly. [...].¹⁷

Através da análise da correspondência, nota-se a formação de um grupo que atuaria em espaços importantes do cenário da contracultura brasileira. Os projetos, eram discutidos através das cartas e Hélio Oiticica, além de interlocutor, amigo e confidente, era o importante agente de criação. Torquato expunha através dos textos, suas ideias e solicitava a opinião, orientação e colaboração do amigo. Em julho de 1971, Torquato noticiava seu novo projeto: a revista *Soma*:

[...] Soma foi a solução que eu bolei para completar o trabalho que não posso fazer na *Última Hora* por não caber mesmo na *Última Hora*. Uma parte do *Plug* com outra parte que não estava no *Plug* nem está na *Última Hora*. Eu pensei em fazer uma revista: Soma. Som, imagem, disco, cinema, babados. eu bolei uma revista muito barata (das que você me mandou, *take one* é a que chega mais perto do que estou tramando) e já estou transando bem direitinho um background empresarial para poder dar certo. Não quero explicar isso tudo agora porque prefiro esperar que as coisas estejam mais adiantadas. Mas estou bolando tudo já de acordo com uma

¹⁶ TORQUATO NETO. Rio, 13 de junho de 1971 *apud* PIRES, Paulo Roberto, *Op. Cit.*, p. 211.

¹⁷ *Idem, ibidem.*

Editora e, há três dias, chamei Waly pra organizar a revista comigo. Pretendo que tudo esteja andando de modo que esteja nas bancas em setembro. Revista mensal. Espere, que na próxima carta eu te darei detalhes maiores. Estou muito animado porque sinto que vai dar certo. Agora, Hélio, eu sei como são as coisas por aí, mas seria importantíssimo para nós se você pudesse mandar mais algumas revistas daquelas de vez em quando. Olhei os preços nas capas e vi que não são muito baratas, de maneira que não tenho coragem de pedir que você as compre pra mim. Mas pode mandar, mesmo, no duro, as que você já houver lido, mesmo que não sejam recentíssimas, certo? ¹⁸

Em resposta, Oiticica aprovava a ideia da revista, incentivava o desenvolvimento do projeto e confirmava a colaboração, sugerindo que o círculo formado pelos amigos, configurava-se como um grupo de ajuda mútua para a implementação dos projetos e sua inserção na cena cultural brasileira:

[...] Vou procurar o que há de bom para lhe enviar; mais bem escolhido do que antes; essas revistas de cinema estão terríveis, a meu ver; *take one* é mesmo a melhor; mas sei que estão sendo úteis, claro, para você; o que farei é o seguinte: vou juntando e envio por um portador de confiança; nunca vi tanto brasileiro aparecendo aqui; uma loucura. [...] ¹⁹

Mas, apesar do apoio recebido, a situação não era favorável para Torquato Neto, que enfrentava dificuldades financeiras e, também, pelo acirramento do clima repressivo vivido no Brasil. Em setembro de 1971, ele revelava a Oiticica sua frustração pelo fracasso do projeto da revista *Soma* e o clima de censura e dispersão de artistas e intelectuais:

[...] Hélio:
Salve. Isso aqui ainda está muito confuso (ultimamente não tem estado fácil ninguém encontra ninguém e as coisas todas se arrastando enquanto as pessoas vão perdendo aos poucos a paciência e aos poucos desertando das bocas e das promessas). O que se transa não é normal. O que termina acontecendo, no duro, ninguém pode prever. Quebração de cara geral – e eu, que já estou cansado de quebrar a minha, terminando achando a coisa até meio natural: não me espanto mais, mas também não desisto. Soma, a tal revista que eu pretendia botar na rua, parou completamente. A certa altura, a coisa ficou impossível de ser produzida aqui no Rio, e em São Paulo, onde acabou surgindo uma brecha, eu mesmo não tenho condições: não há como sair do Rio agora, nem eu estou a fim. [...] ²⁰

Porém, conforme citado no trecho, apesar da frustração e das dificuldades enfrentadas, Torquato, ainda, resistia. Sem publicar a revista *Soma*, já preparava sua participação para o jornal alternativo *Presença* e começava a idealizar uma nova revista: a *Navilonca*. No trecho a seguir os

¹⁸ *Idem*, Rio, 16 de julho de 1971 *apud* PIRES, Paulo Roberto, *Op. Cit.*, p. 232.

¹⁹ OITICICA, Hélio. Nova York, 10 de agosto de 1971 *apud* PIRES, Paulo Roberto, *Op. Cit.*, p. 240.

²⁰ TORQUATO NETO. Rio, 16 de julho de 1971 *apud* PIRES, Paulo Roberto, *Op. Cit.*, p. 247.

detalhes do projeto:

[...] está dando um trabalho dos diabos e ainda não está nem na gráfica. Parece que Haroldo conversou com você sobre isso, não? Pelo menos a julgar por correspondência sua, recebida por Ivan (via Ana Letícia, ou Ione Saldanha?), ontem. Ele me telefonou e mais tarde nos encontramos na casa de Luciano, onde a *Navilouca* está sendo preparada lenta e muito cuidadosamente, conseguimos (eu e Waly, que transamos juntos esse almanaque), conseguimos reunir um material de primeiríssima ordem. Foi uma luta, primeiro driblar, recusar etc colaborações não requisitadas; segundo para fazer chegar as nossas mãos todas as matérias pedidas à “equipe” que selecionamos para a revista – acho que você faz idéia das pessoas, mais ou menos entre você, Waly, eu, Otávio, Ivan, Luciano e Óscar, Décio, Haroldo, Augusto, Julinho, Jorge, Duda, Rogério, Chacal etc.: muito pouca gente mais. Basta, não? Mas esse trabalho todo lento e tal está valendo a pena, porque a revista está ficando uma coisa incrível. Acho, seguramente, que será o acontecimento, no gênero, mais importante aqui dentro por esse tempo todo. Matérias fantásticas, absolutamente incríveis, tudo.²¹

O projeto da nova revista, entusiasmava Torquato, que destacava a importância que teria no cenário brasileiro, ressaltando o seu caráter antológico:

[...] A *Navilouca* (você já sabe) é uma revista em número único, primeiro e único, como o rei momo. A idéia é essa. Se pintar outra, pintará com outro nome, outra transação, outra coisa bem diferente. Espécie de antologia, almanaque, revista indefinida, qualquer coisa assim. [...] ²²

Através das cartas, Torquato, continuava a evidenciar seu entusiasmo com a revista e a expectativa pela publicação:

[...] Quero ver se a revista está nas bancas até o final de junho, antes das férias de julho. A capa e contracapa serão coloridíssimas: na capa essas fotos de nós todos (menos os paulistas, convidados especiais) e na contracapa aquele prato sangrando do início de nosferato. Essa revista vai ficar a coisa mais bonita, mais violenta e mais incrível que você possa imaginar. Deixe com a gente.[...] ²³

Mas, apesar do entusiasmo e envolvimento com o novo projeto, Torquato, ainda, encontrava muitos obstáculos para pôr em andamento suas ideias e planos. O clima de repressão e a ampliação da censura, atingia todos os setores culturais. A imprensa era cada vez mais censurada, embora, ainda, fosse possível protestar e resistir:

[...] sobre Gil: vamos namorar? Bom: seu poema para a Flor do Mal foi

²¹ *Idem*, Rio, 13 de junho de 1971 *apud* PIRES, Paulo Roberto, *Op. Cit.*, p. 211.

²² *Idem, ibidem*, p.280.

²³ *Idem, ibidem*.

inteiramente censurado pelo general. O Jaguar, como sempre faz, perguntou o motivo da censura e o general explicou que não havia entendido nada e que não poderia liberar, claro um treco que ele não entende; a página censurada, com um puta Xis de lado a lado, impressa e tal, mas com o risco vermelho por cima, feita pelo general, está comigo para você. É também uma espécie de troféu ... Continuo segurando minha coluna em UH [Última Hora]. Faço uma força do diabo e vou agüentando. Tem dado pé, principalmente porque, de repente, virou a única coisa assim diária na imprensa do Rio. Um sucesso, meu amor, que eu mesmo não quero (por vários motivos) acreditar. [...] ²⁴

De Nova York, Oiticica continuava a incentivar, opinar e organizar os projetos. Era, a figura-chave no grupo de artistas e intelectuais participantes da contracultura brasileira. A discussão sobre a produção do cinema nacional continuava em evidência e do exterior Oiticica não apenas mantinha-se informado, mas também, coordenava as ações dos representantes do cinema super-8:

[...] Tenho recebido muito suas colunas; estão dinâmicas e você ousado, o que é ótimo, nesse meio de água-morna da imprensa carioca; tenho loucura pra ver o tal domingo ilustrado com o que teria saído, por Jabor; Teresa Simões tem me contado muitas coisas sobre as cartas dele; estão todos confusos e loucos, por ignorância de muita coisa, mais do que por burrice mesmo (se bem que essa também exista): estão fascinados pelo que não conhecem, muito provinciano sem dúvida; querem encontrar saída onde não existe. [...] Olhe: as revistas me deram vontade de fazer coisas; achei porreta; acho que devem ter melhor revisão (aquela lista de livros essenciais de underground está loucamente mutilada; são erros graves); please, mande uns dois exemplares quando sair o de Mario Montez, pois devo dar um a ele. [...] ²⁵

No final de 1971, Torquato Neto informava que a situação vivida no Brasil era a pior possível. A ampliação da censura, atingia, cada vez mais a produção cultural, resultando, inclusive, no fechamento de algumas revistas alternativas, como a *Flor do Mal*. E, ainda, nesse clima, a polêmica e troca de acusações e críticas contundentes sobre o cinema nacional “fervia”:

[...] a *presença*, eu já não sei mais: começou a feder e eu saí de baixo. Quero ver agora como vai pintar. me garantiram e eu não estou dando tréguas: quero que me paguem os teus artigos. vamos ver. [...] a sessão de ivan, nos salões dos taborda, foi uma ação espetacular, pode crer. as pessoas todas caíram fulminadas: tirante quem estava bem por dentro (vergara inclusive), o resto caiu do cavalo. nelsinho motta, por exemplo, achou os filmes porcos e assim por diante. foi fantástico. Falar nisso: Jabor deu entrevista para a revista pomba (conhece? é uma merda), dizendo textualmente: todo filme brasileiro que não foi feito por pessoa que pertença ou tenha pertencido ao cinema novo não passa de um monte de lixo. pt. saudações, pode? [...] ²⁶

²⁴ *Idem*, Rio, 9 de novembro de 1971 *apud* PIRES, Paulo Roberto. *Op. Cit.*, p.256-257.

²⁵ OITICICA, Hélio. Nova York, 24 de novembro de 1971 *apud* PIRES, Paulo Roberto. *Op. Cit.*, p.260-161.

²⁶ TORQUATO NETO. Rio, 21 de dezembro de 1971 *apud* PIRES, Paulo Roberto. *Op. Cit.*, p.266.

Em 1972, apesar do envolvimento em vários projetos, o estado depressivo, associado aos excessos no consumo de álcool, obrigou Torquato a se afastar do projeto da revista *Navilouca* e retornar a Teresina, mais uma vez, conforme escreveu:

[...] Hélio, querido: aqui é a voz do sertão. Foi de repente que eu tive de sair do Rio para um repouso necessário e compulsório no Piauí: você deve ter recebido a carta que mandei poucos dias antes de vir e, se já respondeu, Ana manda logo sua resposta aqui pra mim. Não sei bem, mas como estou precisando mesmo de uma espécie de repouso bem completo acredito que termino ficando em Teresina até o fim de julho. Deixei a *Navilouca* andando, agora entregue a Waly e Luciano + Oscar: estou esperando notícia deles e acho que, se tudo correr como deixei encaminhado, a revista estará pronta pra ser distribuída aí pelo início de julho. Mas acho que somente em agosto ela sai mesmo, porque julho tem férias e a dispersão é total. Não seria um bom momento: *Navilouca*, acredite será qualquer coisa de definitivamente forte e rigoroso. Como te falei na outra carta: um escândalo, dadas as condições existentes. E tem dado muito trabalho, como é natural, por isso mesmo está demorando tanto. Mas vai sair a tempo, saia quando sair, você não calcula como tramar uma revista (com Waly) tem me deixado aceso: quando ela pintar você vai compreender direitinho por quê. [...] ²⁷

Enfim, a análise das correspondências trocadas entre Torquato Neto e Hélio Oiticica evidenciam a análise crítica de ambos sobre a produção cultural do momento e seus representantes. Percebe-se, através da leitura dos textos que ambos valorizavam a criação artística em busca da autenticidade, ou seja, da originalidade buscada pelo artista.

Considerações finais

Nas cartas, Hélio Oiticica revelava o processo de aprendizagem, o contato com novos parceiros e suas contribuições para o desenvolvimento de seu processo criativo. Evidenciava a importância de sua permanência nos EUA naquele momento, não apenas pelo enriquecimento cultural que adquiria, pela aproximação com a arte pop, mas, também, pelas dificuldades para a criação no Brasil, no momento de acirramento da repressão e da censura.

Já Torquato Neto, revelava que apesar de ter um grupo de parceiros para compartilhar seus projetos, sentia-se cada vez mais isolado e solitário. Respondia as cartas de Oiticica, prontamente, demonstrando ansiedade em discutir com alguém que compartilhava suas ideias e respeitava suas opiniões. No entanto, as cartas de Oiticica talvez, aumentava o sentimento de frustração de

²⁷ *Idem*, Rio, 7 de junho de 1972 *apud* PIRES, Paulo Roberto. *Op. Cit.*, p.283.

Torquato, pois enquanto o amigo relatava seus projetos de sucesso e esboçava toda a agitação de Nova York, este relatava planos que na sua maioria foram fracassados e descrevia um ambiente cada vez mais difícil de suportar para aqueles que se opunham à ditadura militar.

E, finalmente, percebe-se nas correspondências trocadas que ambos compartilhavam a ideia de que a informação era o elemento-chave para a criação artística. Para criar, o artista deveria estar atualizado. E era, exatamente, esta atualização sobre os fatos e a produção cultural que ambos buscavam e utilizavam em suas criações. Afinal, em tempos de autoritarismo “criar é resistir”.

Referências

- COELHO, Frederico. *Eu, brasileiro, confesso minha culpa e meu pecado: cultura marginal no Brasil das décadas de 1960 e 1970*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (org.) *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.
- PIRES, Paulo Roberto (Org.) *Torquatália: obra reunida de Torquato Neto*. Rio de Janeiro, Rocco, 2004, v.1 e 2.
- RISÉRIO, Antônio *et all. Anos 70: trajetórias*. São Paulo: Iluminuras / Itaú Cultural, 2005.
- SALOMÃO, Waly. *Hélio Oiticica. Qual é o parangolé? e outros escritos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- VASCONCELOS, Gilberto. *Música Popular: de olho na fresta*. São Paulo: Graal, 1977.
- VAZ, Toninho. *Pra Mim Chega. A biografia de Torquato Neto*. São Paulo: Casa Amarela, 2005.